

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
02 de abril de 2025

Sessão com apresentação

LUCIDEZ / 2024

Realização: Bernardo Appel e David Lúcio

Cópia: DCP, cor / **Duração:** 8 minutos.

Lucidez acompanha o músico de rua, Nuno Pereira, também conhecido por Onun, pelas ruas de Sintra. O filme é uma viagem sonora e visual que procura explorar a sentimentalidade e o misticismo de Sintra, acompanhando a vida e a música de Nuno.

O POETA DA FRUTA / 2024

Realização: Diana Silva

Cópia: DCP, cor / **Duração:** 5 minutos.

Entre o campo e a estrada, a vida de Miguel é marcada pela simplicidade dos gestos e a cadência tranquila das suas rotinas diárias. Cuida dos seus animais, cultiva a horta e, todos os dias, carrega o carro com frutas e legumes antes de partir para o mercado. **O Poeta da Fruta** celebra a beleza e a poesia do trabalho rural, em que cada gesto simples carrega uma força silenciosa, mas cheia de significado.

TÁCTIL / 2024

Realização: Ana Vasconcelos e Cláudia Ferreira

Cópia: DCP, cor / **Duração:** 10 minutos.

Táctil é uma experiência visual e sonora que explora a poesia do dia-a-dia, à medida que cada peça de cerâmica se vai formando nas mãos de um artesão.

POR VALES E SERRANIAS / 2024

Realização: Rodrigo Proença

Cópia: DCP, cor / **Duração:** 8 minutos.

Neste filme, o foco principal são as paisagens da Beira Alta (Castelo Branco), que dão um corpo cinematográfico ao livro de fotografia **Por Vales e Serranias**, do mesmo autor.

ANTES DE MIM / 2024

Realização: Débora Carvalho

Cópia: DCP, cor / **Duração:** 8 minutos.

Antes de mim é uma homenagem à avó Luciete. Detalhes, objectos, sons e cheiros, remetem para memórias que uma neta deseja preservar da sua avó.

ROSA / 2024

Realização: Nina Gerdes

Cópia: DCP, cor, falado em holandês com legendas em português / **Duração:** 15 minutos.

Rosa é sobre desgosto e amizade. Mas também sobre a ousadia de aceitar e abraçar a mudança e a procura de respostas e de novas formas de amor. Rosa pergunta a si própria: quem sou eu, sem os meus estudos e quem sou eu, sem a minha relação? Felizmente há sempre a amizade, quando não se sabe mais o que fazer.

AS HISTÓRIAS DO CINEMA NO IADE

A seleção de filmes realizados pelos alunos nas unidades de Filme e Imagem Documental e Realização e Produção Audiovisual são uma pequena amostra daquilo que, desde os primórdios, sempre se viu como sendo inerente à criação cinematográfica: a possibilidade de dar a ver as texturas e as formas daquilo que nos escapa a olho nu; os padrões visuais e a relação do corpo humano com os objetos que o rodeiam, como no filme *Táctil*, de Ana Vasconcelos e Cláudia Ferreira. Isto é algo que também está de algum modo presente em *Por vales e serranias*, de Rodrigo Proença: a revelação daquilo que não nos permitimos ver na vida acelerada do dia-a-dia. Os planos das paisagens dão-se ao espectador para ele as experimentar com um tempo de contemplação, de que ele normalmente não dispõe - mais demoradamente, ouvindo os sons da natureza de forma mais expressiva e isolada. Num dos planos do filme de Rodrigo Proença, um carro passa acelerado pela estrada, mas, por artifício da montagem, não é este que ouvimos a chispar no alcatrão. É e ainda, como em todo o filme, os sons de insetos e aves que prevalecem, sobre o ruído do mundo industrializado.

Ao longo do tempo, cineastas, investigadores, espectadores sempre encontraram no cinema uma possibilidade de observar atentamente aquilo que é o humano, como se relacionam os humanos uns com os outros, como se exprimem, como se contradizem, como amam e odeiam, como sonham. Esta atenção ao humano perpassa o filme *Lucidez*, de Bernardo Appel e David Lúcio: a música pode criar relações inusitadas entre pessoas, como entre a personagem do filme e um casal de turistas de Amesterdão, que a câmara capta inesperadamente, de passagem por uma rua turística de Sintra. Também *O Poeta*

da Fruta, de Diana Silva, convida o espectador a mergulhar numa rotina que não é a sua: a de um vendedor que no seu quintal, organiza a fruta para a vender nas traseiras do seu automóvel. Da rotina da preparação, entre animais e capoeiras, até ao momento da venda, o trabalho manual, o esforço, como se tivesse de cumprir o seu destino. Em *Antes de Mim*, de Débora Rodrigues, entramos na intimidade da avó Luciete, através daquilo que a rodeia em casa. E, de novo, o cinema mostra que, às vezes, os detalhes contam muito mais do que as histórias que ouvimos uns dos outros: os planos dos retratos, os grandes planos das habilidosas mãos de Luciete. A câmara dá a ver como as imagens do interior da casa ajudam a construir uma personagem. A voz de Luciete leva-nos ao seu passado, às vezes agreste, mas a realizadora embala-nos com uma canção nostálgica de Louis Armstrong e lembra-nos: "I still love you so". A musicalidade do filme *Rosa*, de Nina Gerdes, faz-nos também dialogar com o mundo da personagem. O que pode um novo penteado acrescentar à vida e à amizade de alguém? O cinema como lugar performático que proporciona a confissão, a revelação, mas de modo delicado e tocante. A câmara do filme *Rosa* dança com as palavras e os movimentos da protagonista, as suas dúvidas e amarguras. Cinema é observar de forma empenhada e sensivelmente algo, microscopicamente ou macroscopicamente, como se talvez víssemos pela primeira vez as coisas como não as tínhamos visto antes. Ou de modo renovado. O mesmo poder-se-ia dizer do trabalho que a fotografia – ou a imagem fixa – faz sobre a nossa perceção. As unidades sobre cinema num curso de Fotografia e Cultura Visual colocam movimento sobre a fixidez e som sobre a mudez. E o que se dá é um diálogo contagiante entre imagem fixa e imagem em movimento. Ambas se beneficiam nessa interação.

Historicamente, no IADE sempre houve espaço para o cinema. A genealogia do ensino da imagem-em-movimento no IADE remonta quase à data da sua fundação em 1969, quando o realizador António de Macedo começou a lecionar Realização Cinematográfica em 1970, um ano antes do Conservatório Nacional integrar a primeira Escola de Cinema em Portugal. Em 1987, António de Macedo é novamente convidado pelo IADE para lecionar Realização Cinematográfica, Análise de Imagem e, posteriormente, Direção Artística em Cinema, TV e Vídeo, exercendo essas funções até 1992 (Matos-Cruz, 2000).¹ Nalguns dos seus currículos, Macedo indica que também deu aulas de Estética e Teoria de Cinema e Análise de Imagem, no IADE.²

O pioneirismo de António de Macedo enquanto pedagogo da área do cinema é ainda atestado pela produção daquele que é o primeiro manual escrito por um português sobre estética e práticas do cinema. O livro em dois volumes, primeiramente publicado sob a forma de fascículos e ilustrado com vinhetas de João Abel Manta, tem como título *A Evolução Estética Do Cinema* (1959-1960).³ Esta obliteração de António de Macedo da história do ensino do cinema em Portugal e, por consequência, do lugar do IADE nessa mesma história, decorre certamente do seu estatuto de "cineasta maldito" -para usar

¹ Eis a referência bibliográfica completa mencionada pelo filho de António de Macedo, António Sousa Dias, numa troca de emails para apurar melhor os contornos da relação do realizador com o IADE: *António Macedo Cinema a Viragem de uma Época*, José de Matos Cruz, Dom Quixote, 2000. (Sousa Dias, António e Sousa Dias, Susana, comunicação pessoal, 21 de Setembro, 2024)

² Sousa Dias, António e Sousa Dias, Susana, António Macedo enquanto docente de cinema no IADE, Mensagem recebida por josefilcosta@gmail.com, 21 de Setembro, 2024

³ O Manual *A Evolução Estética Do Cinema* (1959-1960) pode ser consultado na Biblioteca do IADE.

uma expressão de Paulo Cunha - no panorama mais recente do cinema português. Vale a pena lermos como Paulo Cunha resume essa sua condição amaldiçoada:

“António Macedo, o cineasta mais prolixo dos 60 e 70 e uma das maiores referências do Novo cinema português, “desapareceu” nos anos 90, depois de realizar a longa de ficção Chá Forte com Limão (1993) e o documentário Santo António de Todo o Mundo (1996). Macedo não filma há duas décadas, depois de ter visto ser recusado apoio financeiro à produção de projectos seus em sucessivos concursos do Instituto de Cinema (IPACA), tornando-se assim numa espécie de “cineasta maldito” na história recente do cinema português.”⁴

Não deixa de ser curioso que este “realizador português que foi (quase) apagado da história”, como é classificado num vídeo sobre a sua vida e obra,⁵ tenha formado gerações de alunos do IADE. Esta sessão é assim uma forma de rememoração do papel do cinema no IADE, enquanto forma de reflexão sobre o mundo e como conjunto de práticas na devolução desse mundo. E é também uma sessão de celebração de quem continua a encontrar no cinema um modo de explorar e ler como nos relacionamos connosco, com os outros ou com o espaço e o tempo. O conjunto de filmes aqui apresentados são a prova das múltiplas variantes de fazer cinema e de como ele estimula a observação, a imaginação, a curiosidade e continuará, por isso, a ter um peso crucial no perfil dos estudos levados a cabo no IADE - Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia.

José Filipe Costa

⁴ Resumo da comunicação feita no VII Encontro Anual da AIM, Crítica e cinema em Portugal: o caso António de Macedo, Paulo Cunha (UBI, Portugal), Universidade do Minho, Braga,

<https://aim.org.pt/documentos/encontro/VIIEncontroAnualAIM-Resumos.pdf> [acedido a 1 de Abril de 2024]

⁵ CINEBLOG, O realizador português que foi (quase) apagado da história, disponível em <https://youtu.be/3oslLe-UZFo> [acedido a 1 de Abril de 2024]. O filme *Nos Interstícios da Realidade ou o Cinema de António de Macedo*, (2016) de João Monteiro, entrevistado no vídeo acima referenciado, vai muito mais longe no retrato de António de Macedo.